

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Oarde Class.: 183
 Data: 06/11/80 Pg.: _____

DRUMMOND

Bilhetes a diversos

Ao ministro do Interior

Um Yanomami passou aqui em casa e deixou um recado para o senhor. Antes de transmiti-lo, explicarei que a boa gente Yanomami visita com frequência o cronista, em pensamento, pois estou sempre pensando nela. Não é necessária presença física para conversarmos. Vive tão abandonada, tão insegura e exposta à cobiça de sujeitos ávidos de terra alheia, que se a gente da cidade não se interessar por ela, era uma vez o povo Yanomami, o mais numeroso grupo étnico brasileiro que ainda conserva, quase intactas, suas características próprias, não obstante o bombardeio da chamada civilização. Não é nada, não é nada, mas o

mundo não nos perdoaria o desaparecimento dele. Qual o recado? O seguinte. Quando é que a Funai cumprirá a promessa do senhor, de criar um Parque Yanomami, íntegro, não esfacelado em mais de 20 porções de território, sabido como é que essas "ilhas" seriam mortais para a existência da cultura indígena?

Ministro Andreazza, o que se espera do senhor é que essa reserva nacional se estabeleça o mais rápido possível, a fim de sustar manobras de gente poderosa (políticos, inclusive) interessada em tomar o chão dos Yanomami em nome de supostos ideais desenvolvimentistas. O senhor prometeu. Dê uma imprensa a nós "canais competentes" e alegre, com isso, a consciência dos brasileiros, em dívida com a população índia.

Ao governador do Rio

O senhor pediu à Assembléia Legislativa que aprove uma lei proibindo

servidor estadual ganhar mais de 113 mil pratas por mês, que é quanto percebe o governador. Muito bem. Já antes o presidente da República resolveu estabelecer o mesmo critério para os servidores federais: ganhar mais do que ele, ninguém. Fica assim instituído um limite para os ordenados do pessoal do serviço público. Quem quiser trabalhar para o povo, que se abrigue sob esse teto. Mas essa história de erigir tetos só para os ganhos, deixando as despesas de manutenção do ganhador acima de qualquer telhado ou cobertura... A idéia do meu consultor João Brandão é outra: o custo de vida fica proibido de subir além do mais alto edifício do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Atingindo esse teto, pára. Em vez do salário-mínimo e do salário-máximo, o custo de vida tolerado máximo. Se não der certo, o jeito é pedir a Deus que assuma a gerência do País e opere um de seus milagres. O que é que o senhor acha?

Aos que andam matando

Vocês estão exagerando. Parece que um matador (de homem, de mulher, não discrimino) desperta inveja em outro matador em potencial, e este sai logo à

rua para matar também, se é que não mata em casa. Durante a menor discussão, ou sem ela, tiros e facadas de montão. Depois, pernas pra que te quero, uma vez que a lei protege as pernas velozes. Depois de depois, vocês aparecem como vítimas de suas vítimas, e a sociedade perde a noção do fato real, como se o morto é que tivesse matado o matador. Epidemia? Mania de imitação? A idéia de viver e a idéia de conviver estão saindo de circulação. É cada vez mais simples matar. Como se vocês estivessem tomando café. Só que esse é um café de sangue. Experimentem não matar. Experimentem não ter no bolso um pau-de-fogo, objeto incômodo, que faz cêcegas no portador, pedindo para ser usado. Sobretudo experimentem... viver, isto é, respeitar a própria vida e a vida dos outros. Se de todo não for possível extinguir a comichão de matar, façam opção. Esqueçam a vida do próximo, coloquem-se diante do espelho, e pum. Aí vocês terão matado efetivamente o matador. E não se fala mais nisso.

Ao incendiário de Ouro Preto

Decerto você achou que a papelada do cartório não valia nada, e quis

tornar mais simples a vida de uma cidade-monumento internacional. Ou senão, fazendo flambar os registros de propriedade de imóveis, deu início à reforma urbana pela socialização do solo: tudo passa a ser de todos e não especificamente de uns tantos. Não posso aceitar a maneira como você pôs em prática essa idéia, pois toda casa de Ouro Preto, inclusive a sede dos cartórios, é sagrada. Mas a tentação de queimar um registro de imóveis é compreensível dadas as exigências que tais registros costumam fazer para que o proprietário de uma casa prove efetivamente ser o dono dela. Ou quem sabe você tacou fogo porque a papelada de valor histórico integrante do conjunto jazia num galpão, e você achou indigno esse tratamento dado à memória ouro-pretana? Todas hipóteses plausíveis. A mais sinistra fica para o fim: quem sabe se esse incêndio não será apenas a avant-première do fogo geral que ameaça o tesouro global de Ouro Preto, cidade sem condições para se proteger da usura do tempo e da perversidade do acaso? Você é um cara que faz pensar, sabia?

Carlos Drummond de Andrade